

ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS E SUA RELAÇÃO COM AS DROGAS: UMA ABORDAGEM DE INSPIRAÇÃO SOCIOPOÉTICA*

INSTITUTIONALIZED ADOLESCENTS AND THEIR RELATIONSHIP WITH DRUGS: AN APPROACH WITH SOCIO-POETIC INSPIRATION

ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS Y SU RELACIÓN CON LAS DROGAS: UNA ABORDAJE DE INSPIRACIÓN SOCIOPOÉTICA

LEILA MEMÓRIA PAIVA MORAES¹
VIOLANTE AUGUSTA BATISTA BRAGA²

Objetivamos apreender os sentimentos de um grupo de adolescentes institucionalizados e sua relação com as drogas. Buscamos favorecer a expressão de sentimentos relativos ao uso de drogas, através de dispositivos criativos e identificar o modo como vivenciam o uso de drogas. Participaram da pesquisa 15 adolescentes de um Abrigo Público de Fortaleza-CE. A produção dos dados ocorreu através do método do grupo-pesquisador, com inspiração na sociopoética, trabalhando-se através de oficinas vivenciais. Foi possível constatar que o grupo já teve contato com as drogas, reconhecendo a relação entre drogas, violência e prazer. Busca de prazer, fuga das condições de vida, entre outras coisas foram apontadas como indutoras do uso, deixando-lhes marcas que jamais serão apagadas; ausência da família, preconceito, falta de perspectiva são aspectos que os entristecem. Findamos numa construção coletiva com marcas, pegadas e matizes de uma aquarela pintada a várias mãos, onde cores esboçaram sentimentos, vivências e experiências compartilhadas.

PALAVRAS CHAVES: Adolescente institucionalizado; Transtornos relacionados ao uso de substâncias; Violência; Prática de grupo; Saúde mental.

We aimed at showing the feelings of a group of institutionalized adolescents and their relationship with drugs. We tried to favor the expression of the feelings related to drug abuse through creative mechanisms and identify the way they experience it. Fifteen adolescents of a Public Institution in Fortaleza – CE participated in the research. Data were collected through the group-researcher method, with inspiration in socio-poetry, working through exchange-of-experience workshops. It was possible to verify that the group had already been in touch with drugs, recognizing the relationship between drugs, violence and pleasure. Search for pleasure, escape from living conditions, amongst other things, were pointed as stimuli for the use, causing scars that last for a lifetime; the family's absence, prejudice, lack of expectations are aspects that make them unhappy. We finished by building a collective construction with signs, footprints and shades of watercolor painted by several hands, where the colors sketch feelings and share pieces of experience.

KEY WORDS: Institutionalized Adolescents; Drug Addiction; Violence; Group Practice; Mental Health.

Objetivamos apreender los sentimientos de un grupo de adolescentes institucionalizados y su relación con las drogas. Buscamos enfatizar la expresión de los sentimientos relativos al uso de drogas, a través de dispositivos creativos y tratar de identificar el modo como vivencian el uso de las drogas. Participaron de la investigación 15 adolescentes de un Albergue Público de Fortaleza-CE. La elaboración de los datos se logró a partir del método de grupo-investigador, inspirado en la estructura socio-poética, donde se trabajó con talleres vivenciales. Pudimos constatar que el grupo ya había tenido experiencia con el uso de las drogas, reconociendo la relación entre drogas, violencia y placer. Búsqueda de placer, evasión de las condiciones de vida, entre otras cosas, fueron indicadas como inductoras al uso, lo que les dejó marcas imposibles de borrarlas fácilmente; preconceito, ausencia de la presencia familiar; falta de perspectivas; todo lo cual les resulta incómodo, al punto de entristecerlos. Al término de este estudio, conseguimos una construcción colectiva con marcas, huellas y matizes de un cuadro pintado a varias manos, en el cual los colores muestran sentimientos, vivencias y experiencias compartidas.

PALABRAS CLAVES: Adolescentes institucionalizados. Dependiente de drogas. Violencia. Práctica de grupo. Salud mental.

* Texto elaborado a partir de dissertação de mestrado apresentada e aprovada em março/2003, no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará.

¹ Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Professora Substituta do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará na área de Saúde Mental. End. Rua Estado do Rio de Janeiro, 50 – Bloco C - Ap. 713 – Bairro Bela Vista Cep. 60.441-150 – FORTALEZA – CE. E-mail: leilammp@bol.com.br.

² Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente da Graduação e Pós-Graduação do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará. End.: Rua Dr. Gilberto Sturdart, 2303 – Ap. 901 – Bairro Papicu – FORTALEZA – CE. E-mail: vivi@ufc.br

INTRODUÇÃO

A sociedade vivencia um processo de massificação do uso das drogas psicoativas que trazem, em sua origem, determinantes de ordem socioeconômica e cultural, própria do mundo contemporâneo. Pela complexidade de que se reveste esta problemática, não podemos deixar de discuti-la, pesquisá-la e encontrar formas de minimizar seus danos ou, quem sabe, até combatê-la.

Essa problemática parece ocupar um cenário maior do que possamos imaginar, passando a ser considerado um problema de saúde pública, acometendo todas as faixas etárias, níveis sociais ou gênero, deixando de ser uma questão local ou mesmo nacional, mas, globalizando-se. Associado a isso se tem o avanço do narcotráfico e o consumo de entorpecentes, onde observamos que o uso das drogas psicoativas tem se iniciado cada vez mais precocemente. Esta realidade tem exigido dos governos ações mais enérgicas de combate à produção, comercialização e consumo, assumidas em acordos internacionais, assim como colaboração quanto à prevenção e tratamento dos usuários. Esse consumo de substâncias psicoativas é entendido, também, como um fenômeno histórico e cultural¹.

Para o Ministério da Saúde, substâncias psicoativas ou psicotrópicas são aquelas que produzem alterações no sistema nervoso central do indivíduo e, conseqüentemente, nos seus padrões comportamentais e emocionais².

O uso de substâncias psicoativas é classificado pela ONU (Organização das Nações Unidas), de acordo com a freqüência, em quatro tipos de usuários: “[...] o experimentador, o usuário ocasional, o usuário habitual e o usuário dependente ou disfuncional”^{3:43}.

O consumo freqüente de drogas pode levar à dependência física e psicológica, sendo caracterizada caso ocorra a presença de três ou mais dos itens citados, observando-se um período de doze meses: “[...] 1) Compulsão pelo uso; 2) Consciência da compulsão; 3) Consumo além do pretendido; 4) Tentativa sem sucesso para reduzir a quantidade de consumo; 5) Diminuição do tempo dedicado ao lazer, trabalho ou escola para obter ou consumir psicoativos; 6) Consumo para aliviar abstinência; 7) Necessidade de aumentar as doses para obter o mesmo efeito”^{4:113}.

Chamamos a atenção para o uso abusivo das drogas psicoativas entre os adolescentes, grupo que vem aumentando seu consumo, conforme estudos que apontam para o fato do uso indevido dessas substâncias dar-se cada vez mais cedo (por volta dos dez anos de idade) e em ambos os sexos⁵.

Estudos desenvolvidos no mundo mostram que “[...] 50% a 80% das crianças em idade escolar usam drogas lícitas ou ilícitas com propósitos recreacionais”^{6:30}.

O uso de drogas pode ser considerado uma problemática de saúde pública e o adolescente, por sua vez, está mais vulnerável por vivenciar uma fase de vida em que busca sua identidade pessoal, estando em um meio caminho entre a independência pessoal e a dependência dos pais, apresentando comportamento, muitas vezes, pseudo-emancipador. Essas condições alertam para a necessidade de uma atuação mais intensa de profissionais da saúde para atender a essa demanda⁷.

O adolescente lida, também, com intensos conflitos interiores e mudanças corporais, sendo muito sensível à sua imagem corporal. Vivencia anos conflituosos e conturbados que podem ser tão confusos, tão plenos de desafios para os que tentam compreendê-los, quanto o são para ele próprio, dividido entre querer e não querer ser compreendido. A adolescência é uma fase caracterizada pelo desabrochar da sexualidade, surgimento de novos tipos de amizades, transição de um espaço na família para um espaço no mundo exterior, tempo de ansiedade, receio, expectativa e excitação face ao desconhecido⁸.

Entre os fatos mais comuns da adolescência, o não querer ficar pedindo aos pais permissão para fazer o que quiser e não lhes comunicar o que estão fazendo, principalmente aquilo que é proibido, significa para estes adolescentes uma sensação de liberdade e independência⁹.

Nesse período de tantas transformações, o adolescente se vê confrontado com um mundo sedutor e desconhecido, que fascina, mas também assusta por seus vários convites. Entre esses, o apelo das drogas é um dos mais freqüentes. Entendemos que se este adolescente tiver tido uma infância tranqüila, permeada por relações amistosas com os familiares e especialmente com os pais, tendo-lhe sido impostos limites, sem atitudes radicais e precipitadas, certamente será um adolescente que apresentará menor tendência para en-

trar no mundo das drogas. “[...] se o púbere estiver psicologicamente bem, não estará tão “despido” nem necessitará de posicionamentos tão radicais”^{9:54}.

Nossa preocupação volta-se para esses adolescentes, por considerarmos que, ao vivenciarem uma fase de transição, esta se traduz em um momento de crise, caracterizada pela metamorfose à qual são submetidos na passagem entre a infância e a vida adulta. É sobre a relação do adolescente com drogas psicoativas que nos debruçamos, procurando apreender que associação faz entre droga, violência e prazer.

Consideramos que a pesquisa desenvolvida é de grande relevância para todos os envolvidos com a problemática do consumo de drogas psicoativas entre os adolescentes, principalmente para o grupo pesquisado dado a peculiaridade da metodologia utilizada e as características dos espaços institucionalizados que abrigam adolescentes em situação de risco.

Este estudo é parte da pesquisa de mestrado, onde procuramos apreender como o adolescente institucionalizado percebe e vivencia o seu contato com a droga. Para isto, criamos um espaço de expressão do subjetivo, através da criatividade e da liberdade de expressão, condição praticamente inexistente em seu meio, considerando-se que são institucionalizados¹⁰.

Diante do exposto, objetivamos apreender os sentimentos de um grupo de adolescente institucionalizados, no que diz respeito à sua relação com as drogas. Para isto, procuramos: apreender os sentimentos relativos ao uso de drogas através de dispositivos criativos e identificar o modo como vivencia o seu uso no cotidiano.

PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

A pesquisa tem uma abordagem qualitativa, inspirada na sociopoética, a qual abre espaço para que possamos trabalhar: “[...] a importância do corpo como fonte de conhecimento; a importância das culturas dominadas e de resistência, das categorias e dos conceitos que elas produzem intuição, a espiritualidade e a corporalidade; o papel dos sujeitos pesquisados como co-responsáveis pelos conhecimentos produzidos, “*co-pesquisadores*”; o papel da criatividade de tipo artístico no aprender, no conhecer e

no pesquisar e a importância do sentido espiritual, humano, das formas e dos conteúdos no processo de construção dos saberes”^{11:11}.

Nosso intuito, ao aproximarmos-nos da sociopoética, foi utilizarmos a método do grupo-pesquisador, buscando apreender melhor o mundo interior do grupo, a partir da criação de um espaço de expressão, onde cada um dos sujeitos tivesse direito a fala e a expressão de seus sentimentos com relação às drogas.

Através do grupo-pesquisador, os sujeitos da pesquisa tornam-se verdadeiros co-pesquisadores, contribuindo para a construção do conhecimento e participando de todas as decisões do processo de pesquisa, ocorrendo, portanto, uma quebra do tradicional processo de relação pesquisador/objeto de estudo¹¹.

O método do grupo-pesquisador é descrito em seis momentos: a entrada no grupo sujeito da pesquisa; a escolha do tema a ser pesquisado; a produção de dados; a análise e experimentação dos dados; a análise, avaliação e discussão dessas análises, não-análise e experimentações dos facilitadores da pesquisa pelo grupo e, por último, a socialização¹¹.

Foram esses seis momentos de construção de uma pesquisa sociopoética que procuramos desenvolver ao longo do estudo, cuidadosamente respeitando o rigor do método; o consentimento livre e esclarecido dos sujeitos da pesquisa ou seu representante legal; a ponderação entre riscos e benefícios; a garantia de que danos previsíveis seriam evitados; a proteção da imagem; a não estigmatização dos sujeitos da pesquisa e preservando a privacidade e o sigilo dos dados produzidos, juntamente com o anonimato dos integrantes do grupo, conforme determina a resolução 196/96, sobre as normas de pesquisa envolvendo seres humanos, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Complexo Hospitalar da Universidade Federal do Ceará - COMEPE, Protocolo número 19/02.

Como forma de preservar o anonimato dos adolescentes que aceitaram fazer parte do grupo-pesquisador optamos por substituir seus nomes pelos de aves da fauna brasileira¹².

Contextualizando o local e os sujeitos da pesquisa

O local escolhido para realização do estudo é um Abrigo Público vinculado à Secretaria de Ação Social do

Estado do Ceará, destinado ao atendimento de adolescentes de ambos os sexos, considerados em situação de risco. Os sujeitos do estudo foram 15 adolescentes de ambos os sexos, vinculados a essa unidade. O pré-requisito básico para que fizessem parte da pesquisa foi aceitar ser membro do grupo-pesquisador.

Escolhemos este local para realizar o estudo devido ao fato de ser um serviço que propõe um modelo de atuação no qual os internos mantêm-se em comunicação com a família e com a sociedade. Outro ponto considerado importante na escolha do grupo trabalhado foi que grande parte destes meninos e meninas foram recolhidos nas ruas, fazendo uso de substâncias psicoativas, geralmente associada à prática de atos de violência, furtos e prostituição.

O abrigo tem capacidade máxima para quarenta e cinco adolescentes em situação de risco pessoal e social. Considera-se criança, para os efeitos da lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade¹³. Esses internos não são privados de liberdade, tendo acesso à educação formal e ao encontro com seus familiares nos finais de semana e feriados.

A produção dos dados através de oficinas

A produção e parte da análise dos dados produzida pelo grupo-pesquisador ocorreram no Abrigo, através da realização de oficinas vivenciais.

As oficinas são vivências grupais que permitem a seus participantes sentirem-se sujeitos construtores e agentes transformadores, possibilitando um fazer educativo, de modo que os trabalhos grupais sejam mais afetivos, participativos e de espaço para construção coletiva do conhecimento. Toda essa construção dá-se a partir do saber-vida que começa despertando lentamente os sentidos e visualizando o máximo possível o cotidiano dos participantes¹⁴.

Após as negociações com o grupo pesquisador, resolvemos realizar oito encontros distribuídos da seguinte forma: uma oficina de negociação com o grupo-pesquisador, quatro de produção de dados, duas de análise de dados, uma de restituição dos dados. Cada uma delas teve um tempo médio de duas horas e uma periodicidade programada de acordo com a disponibilidade do grupo pesquisa-

dor. Como temática geradora das oficinas utilizamos as cores primárias, secundárias e a cor luz que é branco.

Cada encontro teve quatro momentos: o momento inicial ou acolhida que chamamos de conversa franca; o relaxamento; o momento de produção ou de análise de dados, de acordo com o objetivo da oficina; e, por último, a avaliação. Na conversa franca (1º momento) falávamos e comentávamos as dúvidas dos co-pesquisadores e do próprio facilitador da pesquisa, acertando alguns pontos pendentes, retomando-se um pouco as oficinas anteriores. Esse momento servia como uma espécie de aquecimento que antecedia o relaxamento (2º momento). O terceiro (3º momento), de produção ou análise dos dados, era realizado através de técnicas grupais. Por último (4º momento), tínhamos o espaço para a motivação, geralmente tendo como dispositivos técnicas grupais, as quais objetivavam avaliar o encontro e motivar os adolescentes para a próxima oficina.

Além da realização das oficinas para produção dos dados, utilizamos, também, a técnica do “Diário Coletivo da Pesquisa”, nele o grupo-pesquisador colava, escrevia, pintava, ou desenhava durante todo o período de realização da pesquisa.

O grupo-pesquisador escolheu o seguinte tema gerador para pesquisa: “Drogas – relação de prazer e violência”.

Analisando os dados: uma experiência junto ao grupo-pesquisador

A análise dos dados foi realizada em dois momentos distintos. O primeiro foi utilizado com a descrição do processo da pesquisa; o segundo momento deu-se através da identificação de categorias empíricas de análise a partir do primeiro momento (oficinas), onde ocorreu a produção e análise pelo grupo-pesquisador, tendo como referência as categorias utilizadas na produção dos dados (cores vermelho, amarelo, verde, azul e branco). Em seguida, ao realizarmos nossa análise dos dados, optamos por adotar um referencial teórico que nos possibilitasse iluminar alguns aspectos percebidos no decorrer da pesquisa. Encontramos este suporte teórico na Análise Institucional, também chamada Movimento Institucionalista¹⁵.

No decorrer da pesquisa, fomos percebendo o despontar de dados não esperados, mas, que, na verda-

de, mostravam-se fortemente reveladores dos processos de institucionalização a que estavam submetidos os adolescentes do grupo-pesquisador: relações de poder muito fortes e implicações que fomos experimentando com relação a isso. Foi assim que identificamos na Análise Institucional a ferramenta necessária para que pudéssemos analisar os *produtos paralelos* de nossa pesquisa. “[...] a Análise institucional se interessa por tudo aquilo que a ciência instituída considera residual, sem importância, ou até indesejável a sua “objetividade”, na pesquisa. Nesse sentido, os “achados” não previstos e obtidos pelo próprio processo investigativo, embora freqüentemente pareçam fugir ao assunto pesquisado – e, em geral sejam considerados “paralelos”- o são apenas aparentemente. ... com certeza, interferem de alguma forma na metodologia adotada e nos decorrentes resultados oficiais”^{16:126}.

Nesta pesquisa, estes produtos foram surgindo durante os trabalhos em grupo e sua revelação se tornou possível devido às propostas auto-gestoras do grupo-pesquisador.

CATEGORIZANDO A VIDA EM CORES

Analisamos os dados tendo o devido cuidado de respeitar as categorias criadas dentro do próprio grupo-pesquisador, o qual produziu o conhecimento a partir de sentimentos expressos, encontrando-se suas implicações, experiências de vida, desejos, visões de mundo, prazeres e desprazeres, feridas e cicatrizes, mas, acima de tudo, vozes verdadeiras que ecoam no interior de cada participante. Toda essa energia vital foi expressa em forma de arte, histórias, músicas e falas.

Sobre a junção entre arte e ciência, pode se dizer que: “[...] a poesia e a arte continuam a desvendar lógicas profundas e insuspeitadas do inconsciente coletivo, do cotidiano e do destino humano”^{17:9}.

As categorias empíricas foram criadas a partir das oficinas de produção dos dados, onde procuramos destacar as palavras que os adolescentes mais associavam a cada cor e através da análise que o grupo fez de seus desenhos e das cores utilizadas, resultando as categorias apresentadas abaixo.

QUADRO 1 – QUADRO DEMONSTRATIVO DAS CATEGORIAS REFERENCIAIS E EMPÍRICAS APREENDIDAS SOBRE O TEMA GERADOR - DROGAS: UMA RELAÇÃO DE VIOLÊNCIA E PRAZER.

Categorias referenciais/cores	Categorias empíricas – Temas
Vermelho	Violência; incertezas; prazeres e paixões; fúria.
Branco	Paz; tranquilidade.
Azul	Espiritualidade; amizade e prosperidade
Amarelo	Harmonia; serenidade; alegria.
Verde	Esperança; encontro com a natureza e renovação da vida.

O vermelho de nossas fúrias e paixões.

O vermelho é explosivo, chega irrompendo com sua fúria, despertando incertezas e paixões. É a cor da violência, mas, é também a cor dos amores, da sensualidade, da sexualidade e também do prazer. Para o grupo, esse vermelho tem outra representação. *Significa prazer, amigo e amizade (Tucano)*.

A cor vermelha, também é associada à família (a qual aparece como elemento principal), ao saudável crescimento e desenvolvimento de uma criança. O grupo-pesquisador mostra-se com muita carência de família, demonstrando o desejo de terem um lar bem estruturado. A falta dessa importante referência é associada a muitas das experiências negativas pelas quais passaram muitos desses adolescentes.

Vale ressaltar que o grupo sempre se interessou pela cor vermelha em nossas oficinas. Dessa forma, o vermelho é caracterizado como sendo uma cor atraente e poderosa, mas, que denota, também, grandes fúrias e grandes paixões, além de proporcionar energia, vitalidade, força de vontade e coragem¹⁸.

É no vermelho que o desejo pela liberdade se expressa, como o vôo de uma borboleta de um dos desenhos do grupo. Liberdade de expressão, de atitudes, de escolha, de movimento, de recusa e aceitação das coisas da vida, inclusive da droga. Ou ainda a liberdade de seus corpos presos ao prazer traiçoeiro das drogas. Enfim, é no vermelho que está retratada essa “liberdade-não-liberdade” ou essa “não-liberdade”.

O branco da paz e da tranqüilidade

O branco surge como uma alternativa para a paz, um espaço sem violência, da busca da harmonia e da tranqüilidade. Mas, percebemos que não há uma completa sintonia do grupo com a cor branca, pois, embora fizesse menção à importância desses aspectos, estavam sempre buscando outras cores para associar ao branco. Em suas vidas, essa paz, harmonia e tranqüilidade representadas pelo branco, parece ser coisa adormecida em sonhos, desfazendo-se em seus cotidianos, matizados de outras cores. Cores que se misturam nos corredores do abrigo, nos atos daqueles que lhes prestam assistência, no dia-a-dia de suas vidas, transformada na aquarela de um, nem sempre percebida pela maioria dos que os cercam.

A casa grande cheia de portas e janelas desenhada no diário coletivo de pesquisa por *Tucano*, significando o dia lindo que amanheceu e toda sua família morando junta e que, só assim, ele teria paz.

O branco apresenta-se como um antídoto à cor vermelha. Embora suas produções brancas revelem um pouco dessa intranqüilidade, mostrando-se um espaço desarmônico, esse branco opõe-se ao vermelho. Os membros do grupo vivenciam constantes conflitos em suas vidas: do que foi, do que é e do que será.

O verde: esperança, encontro com a natureza e renovação da vida

Foi através do verde que o grupo visualizou o desejo e esperança de dias melhores. Para isso, nada melhor que o contato direto com a natureza. Esse contato é expresso como algo essencial à vida humana, inclusive como meio de curar algumas mazelas. Em uma das técnicas de produção de dados onde as cores foram utilizadas, os participantes expressam a importância da natureza em suas vidas quando dizem que: *queríamos uma ilha onde existisse paz... e um pé de coco para quando tiverem de ressaca tomar aguinhas de coco (Uirapuru e Asa Branca "Pombão"); ... a natureza, como ela é bonita (Sabiá-Laranjeira).*

Na atualidade, o homem tem se distanciado cada vez mais da natureza. De fato "[...] tem havido um tal abismo

entre o homem e a natureza que sua conexão é amplamente ignorada. A dominante filosofia arrogante sempre diz que a natureza está aí para servir-nos. Isso nos levou a perpetrar tais abusos contra a natureza que chegamos a ponto de um eventual holocausto ambiental"^{19:135}.

Foi no verde que os membros do grupo simbolizaram a esperança de viver sem drogas e sem violência e a esperança de que dias melhores surgissem. Embora o Abrigo para menores seja um local repressor e que oprime os adolescentes, ele é visto como uma etapa necessária para que possam alcançar um futuro melhor, onde a renovação da vida e o crescimento sejam sua marca.

O amarelo: harmonia, serenidade e alegria

O amarelo surge como um espaço para harmonia e serenidade, aspectos que referem não serem vivenciados no Abrigo. Isso fica nítido ao referirem que se suas vidas fossem amarelas, seriam vidas de: (...) *Só de harmonia, nada de discussão, viver sozinho... (Asa Branca "Pombão"); (...)* *Não ficar aqui junto com esses pirados(...)* (*Uirapuru*).

A cor amarela, também, foi definida pelo grupo como a cor da alegria. Em um dos momentos de produção de dados, *Sabiá-Laranjeira* descreve sua vida representada pelo amarelo de 0 aos 6 anos e de 6 aos 12 anos e que hoje passou a ser vermelha. (...) *a cor é alegria, porque eu era, ainda, pequeno, tinha ainda muito para viver; a segunda ainda era quase igual, mas era assim mais ou menos; e o terceiro foi quando eu me viciiei em drogas, as coisas não eram muito boas não (Sabiá-Laranjeira).*

Para o grupo, o que antes era amarelo passou a ser vermelho, as relações otimistas, harmoniosas e alegres das suas vidas ganharam caráter destrutivo e perigoso, caracterizado pelo vermelho.

O azul da espiritualidade, amizade e prosperidade

A cor azul indica a espiritualidade, a amizade e a prosperidade. As produções que utilizaram o azul deixaram claras a multireferência que o grupo faz a essa cor, simbolizando uma cor que representa paz, natureza, amor,

alegria, esperança, liberdade, harmonia, saúde e o céu como sendo um espaço cósmico onde uma força sobrenatural existe.

Além de todos esses aspectos, o azul simbolizou o desejo, refletido na possibilidade de dias melhores, tranquilos e sugestivos de prosperidade na vida desses adolescentes. Os membros do grupo visualizaram no azul o direito à moradia, à educação, à alimentação, ao lazer, ao trabalho e, acima de tudo, ao respeito, pontos fundamentais para não se buscar as drogas. Ainda incluem a “fé em Deus” para afastá-los dos vícios.

Demonstram certa descrença no poder do homem para resolver essas questões, principalmente, a falta de interesse em mudar a situação. O descaso do Estado e da sociedade civil em desenvolver políticas públicas que atendam a muitas mazelas sociais fere os direitos de todos os cidadãos, principalmente, aqueles relativos à criança e ao adolescente. Tratando-se dos direitos e deveres das crianças e adolescentes, “[...] a construção de uma sociedade mais justa passa pela dignificação das crianças e o Brasil vem tratando as suas com um padrão de barbárie inadmissível... negar direito às crianças e adolescentes é descumprir o ECA”^{20:49}.

Pelo que expressam esses adolescentes, produto de uma sociedade desigual e injusta, é urgente que se tome providências que mudem esse estado de descaso. O grito de socorro ecoa por toda parte e mostra-se na banalização da violência e no descaso pela existência do outro. É hora de mudar!

O azul também indica que esses adolescentes mostram-se pessoas sensíveis com a problemática, revelando que suas vidas são permeadas por atos violentos na família, na rua e na própria instituição. Violência que se expressa de forma diversa, nem sempre traduzida em atos físicos.

Nessa nítida relação de violência e prazer, para esses meninos e meninas institucionalizados, a droga apresenta-se como conseqüência de relações familiares não saudáveis, insatisfações, incerteza no futuro, como também o incentivo do amigo e a curiosidade.

O azul representou, também, a amizade e a solidariedade para com os outros que, como eles, também vivem as dificuldades de uma vida sujeita às drogas. Embora a hegemonia do discurso oficial gritasse mais alta, dizendo que

“Droga mata! Droga é só desgraça!”, o grupo não hesitou em denunciar o preconceito que os usuários de drogas sofrem. Denunciando que esse preconceito amplia-se para muitos deles que não as utilizam, mas, só pelo fato de estarem abrigados ou manterem contato indireto com as drogas através de amigos e/ou familiares, sofrem na pele o mesmo preconceito da sociedade.

A análise do pensamento do grupo pesquisador levamos a destacar alguns aspectos que consideramos importantes de seus sentimentos com relação ao uso e abuso de drogas, tais como: a importância da família para que se evite esse uso ou recupere-se dos danos; a droga como passaporte para praticar delitos como: furto, roubo, e morte; o prazer produzido pelos uso de drogas; a associação entre o uso de drogas e atos de violência física e emocional; a dificuldade de sair da condição de usuário.

O contato com as drogas, a prática de delitos, o fato de estarem abrigados sob a guarda do Juizado de Menores, permanecendo afastados de suas famílias gera sofrimento em cada um desses adolescentes, nem sempre percebido. Para eles isso já se tornou tão comum em suas vidas que, alguns, aparentam estar acostumados, mas, inconformados com essa condição em que suas vidas se encontram.

ENFIM, CRIAMOS UMA AQUARELA....

Ao final dessa nossa trajetória, sentimos o quanto todo esse processo foi rico, não só para nós enquanto pesquisadores responsáveis, mas, também, para o grupo pesquisador. Toda esta construção coletiva tem marcas de nossas pegadas e matizes de uma aquarela pintada a várias mãos, onde as cores esboçaram sentimentos, vivências e experiências compartilhadas.

O esboço aqui produzido busca retratar um pouco das paisagens visitadas e das melodias apreciadas nesta imensa viagem realizada pelas aves de belos cantos (co-pesquisadores) ao longo da pesquisa.

Com esta pesquisa, adentramos no enigmático mundo das drogas, sendo guiados por um grupo de adolescentes institucionalizados através dos caminhos sinuosos de suas vivências, buscando propiciar dispositivos não convencionais ou habituais que lhes permitissem expressar seus sentimentos na relação entre drogas, violência e prazer.

O tema sobre o qual nos debruçamos e procuramos aproximar-nos mostrou o quanto é complexo e pouco explorado, apontando a necessidade de que mais estudos sejam desenvolvidos para a melhor apreensão e transformação dessa realidade. O fato da droga estar atingindo, tão precocemente, os jovens, exige, de todos, Estado e sociedade civil, providências abrangentes que atinjam desde as políticas públicas ao esclarecimento do cidadão sobre a gravidade da situação e modos de como lidar com ela.

Para trabalharmos tal problemática na perspectiva que nos propomos, fomos buscar inspiração na Sociopoética, através do “metido” do grupo pesquisador.

A pesquisa sociopoética considera os sujeitos da pesquisa como atores, os quais transformam-se em grupo-pesquisador, sendo co-autores de toda produção. Diante disso, é que ressaltamos o quanto grupos de adolescentes podem ser favorecidos por este método que busca valorizar as pessoas enquanto sujeitos co-pesquisadores e não como meros objetos pesquisáveis, propondo a percepção das dimensões afetiva, sensitiva, intuitiva, imaginativa e, também, racional no processo de pesquisa. Dessa forma, o que faz o diferencial da Sociopoética diante dos trabalhos convencionais do grupo é a utilização das diversas linguagens corporais como fonte de conhecimento.

Ao trabalharmos nessa abordagem, elegemos o ser humano como elemento chave da investigação, possibilitando a criação de espaços para o emergir da subjetividade, da criatividade e da expressão de sentimento, elementos considerados primordiais nessa área profissional.

O grupo-pesquisador evidencia ter entrado em contato com as drogas, atribuindo o mesmo à busca de prazer, expressando que o uso de substâncias psicoativas leva a diferentes tipos de violência, entre elas a doméstica, de rua, de gênero e até institucional. Associam essa busca de prazer através do uso das drogas às suas próprias histórias de vida, nas quais existem marcas que jamais serão apagadas, conseqüentemente, essa relação de drogas, violência e prazer é vivenciada de forma conflituosa.

Sentimentos múltiplos, às vezes, cheios de vida e esperança, outros marcados por fúria, desesperança e angústia pela situação em que se encontram esses adolescentes, noutros, ainda, a inconformação se choca com a conformação. Sentimentos que nem eles próprios definem

da melhor forma. Ao final de tudo, percebemos que o que mais eles almejam é amor, família e paz. Essas são algumas de suas idealizações.

Nosso intuito foi apreender melhor o mundo interior do grupo-pesquisador, a partir da criação de espaços de expressão, onde cada integrante tivesse vez e voz para expressar seus sentimentos. As respostas foram variadas e, muitas vezes, contraditórias, onde misturavam-se alegria, prazer, violência, sonho, desilusões, esperança e frustrações. Ao misturar cores e sentimentos, o grupo-pesquisador delineou a aquarela de suas vidas, formada por cores várias que insistem em colorir, mesmo que o mundo, algumas vezes, lhe pareça acinzentado.

Só lamentamos o fato de que a cor que mais se sobressaiu foi o vermelho. Não o vermelho da sensualidade, das paixões e do amor mas, sim, o vermelho – sangue da violência e da agressividade que sempre acompanham suas vidas. Ou ainda, como afirmaram *Tucano* e *Sabiá-laranjeira* ao falarem sobre o que significavam algumas de suas produções, sobre a categoria referencial vermelho: *Representa o sangue, sangue, sangue (...)* (*Tucano e Sabiá-laranjeira*).

Para o grupo, esse vermelho-sangue significa a luta pela oportunidade de viver tranqüilamente, o direito à moradia, saúde, educação e acima de tudo dignidade. Reflete o desejo do extermínio do preconceito contra as drogas, como também pela condição de serem jovens em situação de risco, e acima de tudo porque carregam em suas costas o peso de serem adolescentes abrigados. Na realidade, são idealizações futuras que se contrapõem a marcas do passado e à condição inerente do presente.

O que o grupo traz vai ao encontro de outros estudos sobre dependência química, ao dizer que droga é: “[...] um arco-íris diferente, pois a ele acrescento o preto, que é a solidão. O vermelho é a escolha errada; o verde, a esperança; o amarelo, a luz e força; e o azul, porque não tinha o branco, paz”^{21:85}.

Gostaríamos de reafirmar que mesmo que as oficinas sociopoéticas de produção de dados não tivessem objetivo terapêutico, tornaram-se momentos em que o grupo-pesquisador abriu-se, desnudou-se, onde cada membro cuidou um pouco de sua alma, como se isso fosse essencial para que a produção fluísse.

Os sentimentos das aves de belos cantos que compuseram nossa pesquisa, aparecem diluídos em cada um dos momentos vivenciados no decorrer das oficinas, como: a falta de familiares e do próprio lar; a violência que passa seu cotidiano; as idealizações de uma vida melhor, com paz, tranquilidade, alegria e sem preconceitos; o contato com a droga, expresso como busca do prazer, mas que deixa marcas muito fortes, difíceis de serem apagadas, como a presença constante da violência e da morte em suas vidas. A cada um desses sentimentos aparece uma cor dando seu tom e brilho, e, assim, eles construíram sua aquarela da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Muza GM et al. Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (Brasil). II – Distribuição do consumo por classes sociais. *Rev Saúde Pública*, Ribeirão Preto, 1997; 31 (2):163-9.
2. Ministério da Saúde (BR). Normas e procedimentos na abordagem do abuso de drogas. Brasília: Secretaria Nacional de Assistência à Saúde; 1991.
3. Ministério da Saúde (BR). Adolescência e drogas: uma metodologia de trabalho preventivo em DST/AIDS e uso indevido de drogas. São Paulo, 1999. 75p.
4. Pereira SM. Adolescência e o consumo de substâncias psicoativas: riscos e reflexos para a vida futura. In: Ramos FRS organizador. *Adolescer: compreender, atuar, acolher*. Brasília-DF: ABEn/Projeto Acolher; 2001. p.112-20.
5. Carlini EA et al. IV levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º grau em 10 capitais brasileiras. São Paulo: UFSP/CEBRID; 1997.
6. Scivoletto S Morihisa RS. Conceitos básicos em dependência de álcool e outras drogas na adolescência. *J Brás Dep Química* 2001; 2(Supl. 1):30-3.
7. Brenes LFV et al. Drogas ilícitas entre universitários. *Rev AMRIGS*, Porto Alegre, 1986; 30(2):40-3.
8. Tommasi MCE Desenvolvimento emocional e cognitivo do adolescente. In: Assumpção Jr. FB, Kuczynski E. *Adolescência: normal e patológica*. São Paulo: Lemos; 1998. p. 33-47.
9. Tiba I. Dilemas da adolescência – drogas. In: Fagundes JO et al. *Amor e sexualidade – a resolução de preconceitos*. 2ª. ed. São Paulo: Gente; 1994. p. 53-85.
10. Moraes LMP. Adolescentes institucionalizados e sua relação com as drogas: uma abordagem de inspiração sociopoética. [dissertação de Mestrado em Enfermagem]. Fortaleza(CE): Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Ceará; 2003. 134f.
11. Gauthier J. Sociopoética – Encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais enfermagem e educação. Rio de Janeiro: Editora Escola Anna Nery/UFRJ; 1999. 96p.
12. Frisch JD. Os doze cantos do Brasil: O folclore de 12 das mais belas aves brasileiras. São Paulo: Pancrom; 2001. 64p.
13. Secretaria do Trabalho e Ação Social(CE). Fundação Estadual do Bem Estar do Menor do Ceará – Febemce. Estatuto da Criança e do Adolescente. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará – IOCE; 1990. 139p.
14. Oliveira MVASC. Educação popular em saúde para além das palavras: um encontro com o sentir. In: Rodrigues LD, Vasconcelos EM organizadores. *Novas configurações em movimentos sociais – Vozes do Nordeste*. João Pessoa: Ed. UFPB; 2000: 95-115.
15. Baremlitt G. *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 1994.
16. Petit SH. Dos produtos paralelos de uma pesquisa. *Rev Dep Psicol Univ Fed Fluminense*, Rio de Janeiro, 2001; 13(1):125-44.
17. Minayo MCS et al. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes; 1994. 80p.
18. Silva AL. O cuidado através das cores. In: *Anais do 50º Congresso Brasileiro de Enfermagem; 1998 20-25 Set; Salvador (Ba), Brasil*. Salvador: ABEn; 1998: 1-20.
19. Adams P, Mylander M. *A terapia do amor*. Rio de Janeiro: Mondrian; 2002.
20. Machado RA. *Homens e idéias: pequenas homenagens, grandes esperanças*. Brasília: OAB; 2001.
21. Martins FCCL. Produzindo um novo conceito de drogas: uma construção sociopoética. [dissertação de Mestrado em Enfermagem]. Fortaleza: Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Ceará; 2001. 112f.

RECEBIDO: 21/06/04

ACEITO: 02/10/04